

# MASCULINIDADE DESVIANTE E INFÂNCIA HOMOAFETIVA NA LITERATURA BRASILEIRA

Benedito Teixeira de Sousa (UFC)<sup>1</sup>

**Resumo:** Tomando a literatura como um instrumento de representação da realidade, seja para reproduzi-la ou para subvertê-la, seja para reforçar as visões de submissão dos indivíduos homoafetivos, ou para estimular a reflexão sobre essa problemática, analisamos, neste artigo, narrativas da literatura brasileira que trazem em seus enredos personagens infantis envolvidas em relações e desejos homoafetivos. O objetivo é verificar, com base em estudos sobre a dominação masculina – Bourdieu, Badinter, Trevisan, Nolasco, Butler, Segdwick – como esta questão é abordada em oposição ao desejo homoafetivo, o que chamamos de masculinidade desviante.

**Palavras-chave:** infância; homoafetividade; dominação masculina; literatura brasileira.

Um ser inferior, incompleto, incapaz, em potência, em formação, desde pelo menos a Antiguidade ocidental, quando as crianças gregas e, depois, as latinas do sexo masculino eram criadas e tuteladas para serem adultos e cidadãos civilizados<sup>2</sup>. No período medieval, historiadores como Philippe Ariès, em *História social da infância e da família* (2011), defendem que havia a predominância de um tratamento descuidado com relação às necessidades próprias da infância, não por acaso as pinturas medievais geralmente retratam crianças com feições de adultos.

Posteriormente, com a chegada do Renascimento e principalmente das ideias defendidas pelo Iluminismo, a partir do século XVIII, a criança passou a ser considerada como que uma página em branco. Disponível, portanto, para ser

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Literatura. E-mail: [benitoteixeira@gmail.com](mailto:benitoteixeira@gmail.com).

<sup>2</sup> Crianças do sexo feminino, da mesma forma que as mulheres adultas, estrangeiros e escravos, não tinham essa possibilidade de formação, portanto, nasciam e morriam como seres inferiores, sem os mesmos direitos dos homens.

preenchida de acordo com o que se considerava importante para a educação de um indivíduo incompleto e em formação. Entraram em cena professores, pedagogos, preceptores, médicos e outros especialistas, que, ao lado da família, da escola e da igreja, criaram um forte esquema de vigilância em torno do ser infantil. Tudo isso, em maior ou menor grau, dependendo do contexto e da época, tinha como pano de fundo a moral religiosa extremamente proibitiva e cheia de culpa do Cristianismo<sup>3</sup> e suas principais ramificações religiosas, no caso do Brasil, a Igreja Católica.

Esse papel em branco deveria incluir, entre outros pontos, a formação afetivo-sexual dos pequenos. Segundo Colin Heywood, em *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente* (2004), “a partir da noção lockiana<sup>4</sup> de que a educação pode fazer ‘uma grande diferença para a humanidade’, existe alguma lógica na sugestão de que ele considerava a criança como nascida nem boa nem má” (HEYWOOD, 2004: 37). Portanto, era preciso dominar suas inclinações e submetê-las à razão.

Na análise final, Locke não escapa de maneira alguma de uma concepção negativa sobre a infância, o que se pode ver em seu desejo de desenvolver a capacidade de raciocinar nas crianças já a partir de uma ideia precoce, ‘até mesmo desde o próprio Berço’. Com o descuido, a desatenção e a alegria que lhe são característicos, as crianças precisavam de ajuda: eram “pessoas fracas sofrendo de uma enfermidade natural” (HEYWOOD, 2004: 38).

Ao lado dessa visão iluminista da educação como fundamental para a formação infantil, com os românticos, no século XIX, a infância voltou a ser reinvestida da imagem da inocência que deveria ser respeitada e, portanto, protegida dos riscos à sua formação cidadã. A infância era um período importante para a construção do adulto e, conseqüentemente, também foi investida de uma aura de pureza, cheia de potencialidades. Com uma concepção mais positiva, a literatura

<sup>3</sup> Vale ressaltar que, possivelmente, a vigilâncias focadas na infância, com destaque para a sua sexualidade, não eram tão fortes no chamado “Cristianismo primitivo”. Movidas por outros interesses que não o religioso/espiritual, como a questão de poder político e econômico, religiões cristãs, como o Catolicismo, passaram a pregar um forte esquema de repressão contra práticas “desviantes”, a exemplo da sexualidade infantil, do sexo para recreação, da inferioridade da mulher e do domínio do ser masculino, criando e naturalizando a existência de sociedades completamente patriarcais. O Cristianismo primitivo compreende o período que vai da morte de Jesus, no ano 33 d.C., até a chamada “conversão de Constantino”, ocorrida, supostamente, em 337 d.C. O período pode ser dividido em três fases: a) a primeira até o ano 100, data em que a maioria dos contemporâneos de Jesus já havia falecido; a segunda do ano 100 a 250, momento em que o Cristianismo expandia suas conquistas territoriais para fora da Palestina, em especial nas províncias romanas antigas, como a Síria, Ásia Menor, Egito e em toda a Itália, ainda que não constitua o Cristianismo como uma religião universal; e o terceiro abrange o período em que o Cristianismo foi mais intensamente perseguido pelo Estado romano (entre 250 e 311) até sua aceitação como religião do Estado imperial romano a partir de 391. (BARRERA, J. T.A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia. 2.ed. Tradução de Pe. R. Mincato. Petrópolis: Vozes, 1999 - p. 284-289)

<sup>4</sup> Segundo Heywood (2004), a historiadora Margaret Ezell defendeu John Locke e sua obra *Some thoughts concerning education* (*Algumas reflexões sobre educação*), de 1693, como sendo uma das influências mais importantes na modificação de atitudes em relação à infância no século XVIII.

romântica apresentava as crianças como seres sábios, sensíveis e conscientes das verdades morais, uma imagem ainda construída com vistas à possibilidade de construção de um adulto emancipado.

Fernanda Coutinho, em *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry* (2012), afirma que Rousseau, em *Emílio, ou da educação*, em 1762, abriu caminho para o nascimento do mito literário da infância, explorado desde então pelos pré-românticos e, principalmente, pelos autores do Romantismo. “A estética romântica dará maior consistência ao mito da infância, lendo poeticamente a figura pueril como pura energia integrativa, tal como o fizera com a natureza” (COUTINHO, 2012: 33). Em *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea* (2010), Anderson Luís Nunes da Mata, por sua vez, reitera que o romantismo reforçaria os mecanismos de exclusão da criança por meio de sua “glorificação idealizada” (MATA, 2010: 36).

Esse papel em branco deveria incluir, entre outros pontos, a formação afetivo-sexual dos pequenos e uma construção de gênero ainda predominante na atualidade, em que o indivíduo masculino deve ser superior ao feminino e, conseqüentemente, ao que se assemelha a este último, no caso os indivíduos classificados como passivos numa relação homoafetiva.

No que diz respeito à formação da identidade masculina ocidental a partir da infância homoafetiva retratada pela ficção literária – tomando a literatura como um instrumento privilegiado de representação da realidade, seja para reproduzi-la com o máximo de fidelidade ou para subvertê-la em variados graus, seja para reforçar as visões opressoras da sociedade sobre crianças e indivíduos homoafetivos, mas sempre possibilitando a reflexão sobre todo tipo de opressão – procuramos neste artigo verificar como o conceito de masculino se insere na abordagem das relações e desejos homoafetivos ocorridos com personagens infantis/ pré-adolescentes do sexo masculino na narrativa literária brasileira. Recorremos, para apresentar essa masculinidade homoafetiva infantil, a personagens de *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Capitães da areia*, de Jorge Amado; *Dona Sinhá e o filho padre*, de Gilberto Freyre; *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan; e dos contos “Taís”, de Walmir Ayala, e “Cachorro-doido”, de Haroldo Maranhão.

A exigência de ser viril e sempre adotar uma postura de dominação em relação ao sexo feminino e, conseqüentemente, a condutas assemelhadas, como os indivíduos efeminados e passivos nas relações homoafetivas, desde a mais tenra infância, são bem claras entre as personagens que ora analisamos. Sérgio, de *O Ateneu*, sente-se constantemente oprimido por ter que obedecer às regras, em grande parte subjetivas, do internato, como a de não se colocar na posição de protegido e, portanto, submisso a terceiros, geralmente colegas mais velhos, como Sanches e Bento Alves. Em *Capitães da areia*, os meninos que aceitam serem passivos nas relações homossexuais são punidos com a expulsão do bando; José Maria, de *Dona Sinhá e o filho padre*, por ter trejeitos delicados e, por fim, se submeter ao desejo por um menino mais velho, é hostilizado pelos colegas da rua e da escola, e também pelo tio; Tiquinho, de *Em nome do desejo*, se martiriza por causa de sua relação sexual e de submissão em relação ao colega Abel; em “Taís”, o garoto protagonista cresce oprimido religiosamente por causa do seu desejo de ser menina e de seus desejos

homoafetivos; em “Cachorro-doido”, Luizinho é criticado pelo colega de escola Carlão por causa da sua pouca virilidade.

A distinção entre ativos e passivos já era elaborada desde a sociedade grega clássica, cabendo aos últimos uma imagem depreciativa, tendo em vista que eram identificados, da mesma maneira que as mulheres, como objetos disponíveis ao prazer do homem, ainda que, nessas sociedades, as relações homoafetivas fossem vistas e aceitas menos como uma fonte de prazer sexual do que como um processo necessário à formação dos cidadãos da *pólis*. Conforme K. J. Dover, em *A homossexualidade na Grécia Antiga* (2007), desde cedo, os meninos gregos eram preparados para confirmarem sua potência viril e de dominação em relação ao sexo feminino e, conseqüentemente, ao indivíduo masculino efeminado e que se submetia à postura passiva.

Como observa James Green, em *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX* (2000), esse modelo segue basicamente vigente em muitos grupos nas sociedades ocidentais. O parceiro que exerce o papel ativo, de “penetrador”, na relação homossexual, nem por isso deixa de ser “homem” aos olhos da sociedade. Já o passivo, identificado com o papel feminino de submissão, tem um *status* inferior e é estigmatizado (GREEN, 2000: 28). Ou seja, o homem que assume o papel ativo numa relação homossexual não necessariamente abre mão de sua masculinidade. Por isso as famílias e a escola ainda estimulam os meninos a adotarem comportamentos que mostrem sua masculinidade em detrimento de atitudes efeminadas, tendo em vista que a condição feminina continua, ainda que inconscientemente, a ser considerada inferior. Mesmo quando se descobre que o filho ou o aluno mantêm relações de cunho homoafetivo com os amigos e/ou colegas da escola, que estas assumam uma postura ativa.

Podemos identificar essa mesma divisão de papéis sexuais em *O Ateneu*, quando Sérgio, a personagem principal, percebe que, no internato, havia claramente a delimitação entre os protetores viris e os protegidos. Ao apresentar as regras do internato para Sérgio, o colega mais velho e veterano Rebelo faz questão de destacar algumas condutas que garantiriam a sobrevivência do novato naquela microsociedade, com normas específicas, como a que trata da divisão dos papéis sexuais:

- Viu aquele da frente, que gritou *calouro* [grifo do autor]? Se eu dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se. Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo (POMPÉIA, 2010: 39).

Também em *Dona Sinhá e o filho padre*, o menino José Maria é atormentado pelos garotos da rua e da escola. Enfraquecido por uma doença quando muito pequeno, José Maria cresceu demasiado protegido pela mãe, adquirindo um

comportamento que o diferenciava dos demais garotos da sua idade, sempre em casa, solitário, imaginativo, fraco, franzino, sensível e delicado. Tinha uma imagem de inocência que o fazia compararem a uma menina.

Cruéis como são os meninos que se supõem normais contra aquele que se apresente diferente deles no modo de ser e no próprio físico. Os meninos assim conscientes do que supõem ser sua normalidade, superior à dos diferentes deles nos modos e nos gostos, não agem senão com antecipação dos homens medíocres que se resguardam dos excepcionais, unindo-se contra eles; agredindo-os pela sua superioridade em número; lançando-lhes pechas e epítetos. Para esses o filho de Dona Sinhá, uma vez no colégio, foi Sinhazinha. A insinuação, a de que era um maricas já declarado e não um homem em formação por processo um tanto diferente dos comuns (FREYRE, 1964: 35).

A fragilidade e delicadeza aparentes de José Maria eram uma espécie de atestado de sua inferioridade. Por ele não atender aos requisitos de masculinidade impostos pela sociedade brasileira, em pleno século XIX, os demais garotos faziam do filho de Dona Sinhá um alvo fácil de desprezo e ataques de teor machista.

Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina* (2002) assinala que, ao longo da história, o sexo masculino adquiriu o *status* de dominador natural, quando, na verdade, este fato foi forjado culturalmente. O arbitrário cultural evoluiu, então, para arbitrário natural, impregnando as mentes de um sentimento de que o homem é sempre o dominador, para o bem e para o mal. Esta naturalização do masculino como soberano estende seus tentáculos sobre todo o sexo diferenciado, inicialmente sobre o feminino e, conseqüentemente, sobre os homossexuais, uma vez que, nas sociedades patriarcais, o ser homoafetivo é identificado com a inferioridade sexual e social culturalmente construída e atribuída às mulheres.

“A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável (...)” (BOURDIEU, 2002, s/p). Bourdieu ressalta ainda que a força masculina se consolidou como não necessitada de qualquer tipo de justificação, por meio do que ele chama de “visão androcêntrica neutra”, não havendo a necessidade de discursos para legitimá-la. Ela já está lá, impregnada nas mentes das pessoas em, possivelmente, a maior parte da história do mundo civilizado. E fica muito difícil sair dessa esfera de dominação, quando os próprios dominados já introjetaram um conhecimento que, na verdade, são apenas “atos de *reconhecimento*, de submissão” [grifo do autor] (BOURDIEU, 2002, s/p).

O ato sexual em si pode ser considerado o primeiro campo no qual a dominação masculina se materializa. O homem deve sempre possuir sexualmente, submeter o sexo mais “fraco”<sup>5</sup>. Portanto, a lógica ocidental de que o homossexual, basicamente o que se submete ao papel passivo na relação, não atende a um dos requisitos básicos do domínio. De acordo com Bourdieu (2002), a relação sexual se

<sup>5</sup> Vale destacar aqui que o termo “fraco” foi imposto culturalmente para inferiorizar o sexo feminino em relação ao masculino, mas já perdeu grande parte do seu poder de argumentação, principalmente após a revolução sexual da década de 1960.

configura numa relação social de dominação, construída sobre a ostensiva divisão entre os papéis ativo *versus* passivo. Na relação homossexual, a dominação masculina tem esse caráter a mais, pois um dos parceiros feminiza o outro. É minimamente aceitável uma relação homoerótica desde que se mantenha o poder da masculinidade. Por isso, o *status* de inferioridade potencializado atribuído ao passivo, identificado com o feminino.

A opressão sobre a conduta efeminada e, portanto, não masculina também é o principal cenário do conto “Taís”, de Walmir Ayala, texto inédito publicado na antologia de narrativas de temática homoerótica *Histórias do amor maldito* (1968). A narrativa traz a história de um menino, cujo nome de batismo não aparece no texto, e que, aos seis anos de idade, teve as primeiras sensações de que não era um garoto “normal”, queria ser menina e tinha desejos afetivo-sexuais por meninos. Já nessa idade, tinha prazer em se submeter à vontade e à proteção dos garotos mais fortes, passando a agir como menina, o que mostra a visão tradicional de que numa relação homoafetiva é necessário sempre haver um protetor, macho, e um protegido, fêmea, reproduzindo a concepção conservadora que se considera natural para uma relação heteroafetiva, ou seja, a mulher deve ser sempre a protegida.

Aos seis anos de idade ele quis chocar um ovo. Arrumou meticulosamente o ninho, como qualquer galinha ciosa (...). Quando seu pai chegou foi tratado rispidamente, o ninho desfeito. Depois, como era costume de seu pai, viu solidificar-se um silêncio cheio de dor ao seu redor. Ele, desde então, já não suportava as mulheres. A secura do pai, ainda assim, o confortava. (...). É certo que, ao fim, sempre buscava proteger-se junto aos amigos mais fortes, surpreendia-se em jugo sob certos olhares de comando, sentia uma paz inconsciente com isso. (AYALA, 1968: 255).

A rejeição à figura feminina, a posição de autoridade e frieza do pai – de forma paradoxal, ainda um conforto para ele –, a submissão ao comando dos outros meninos, as vontades e instintos de fêmea (chocar um ovo), nos apresentam claramente os extremos de gênero (submissão aos mais fortes, rejeição ao feminino, ao mesmo tempo em que possuía condutas efeminadas e manifestava desejo pelo masculino) em que vivia o menino, ainda não batizado de “Taís”. Abandonado pela mãe, que lhe diziam que teria sido uma mulher má, tinha ojeriza às mulheres. Com oito anos, o garoto, por causa da repressão religiosa, começou a ter noção do pecado que cometia ao sentir vontade de ser menina e desejo pelos meninos.

A relação de Taís com a religião, o sagrado e o profano, perpassa toda a narrativa de Ayala. Quando chega à adolescência, é batizado como “Taís” por uma travesti. A busca pelo amor verdadeiro é a sua grande meta, como forma de compensar o mal e, conseqüentemente, o sofrimento de ter uma sexualidade fora das normas morais e religiosas, bem como fora do que se considera padrão na construção das identidades de gênero, na qual o masculino sempre domina e o feminino é submetido.

Ainda de acordo com Bourdieu (2002), portanto, por causa da naturalização do domínio do masculino sobre o feminino, o sujeito homoafetivo tem que viver

sempre com vergonha de suas experiências sexuais, com medo de ser visto, de ter desmascarado o desejo que sente e, por sua vez, de ser rejeitado, inferiorizado, subestimado e, em muitos casos, escurraçado do convívio social, simplesmente porque não faz juz, conforme foi naturalizado ao longo do tempo, ao poder dominador do macho sobre a “fêmea”.

E, para agravar ainda mais a situação, nas sociedades patriarcais – como é o caso da brasileira –, a masculinidade está sempre identificada com a heterossexualidade, o que acarreta um forte sentimento homofóbico como parte integrante da identidade masculina. Ser macho e rejeitar tenazmente a atração por indivíduos do mesmo sexo são obrigatoriamente complementares. Elisabeth Badinter, em *XY: sobre a identidade masculina* (1993), explica que “a homofobia é o horror às qualidades femininas nos homens, enquanto a misoginia é o horror às qualidades femininas nas mulheres” (BADINTER, 1993, p. 117).

Em *Cuerpos que importan: sobre os límites materiales y discursivos del sexo* (2005), Judith Butler discorre sobre o conceito de heteronormatividade, que serve de referência para a atribuição da masculinidade em oposição à feminilidade. Ela afirma que os sujeitos sociais são reconhecíveis, primeiramente, de acordo com seu gênero, masculino ou feminino, delimitados pela matriz heterossexual. Esta matriz define, por sua vez, “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2005:29).

Trata-se, portanto, de um discurso hegemônico, e os sujeitos que não se encaixam nesse padrão não são reconhecidos, são excluídos. Sujeitos homoafetivos, por exemplo, em especial aqueles que se permitem exercer a postura passiva na relação, abrindo mão da sua masculinidade, de acordo com o padrão heteronormativo, e se identificando com a feminilidade [embora falha, pois esses indivíduos não detêm a capacidade de procriar da mulher], são fortemente rechaçados na sociedade ocidental, desde a Antiguidade clássica. Como nas relações heterossexuais, a uma questão sexual soma-se uma questão de gênero, construída cultural e socialmente. Não se trata mais de homos e heteros apenas, mas também de ativos – o dominador, superior, mais identificado com a masculinidade construída pela heteronormatividade –, e passivos – o submisso, inferior, identificado com a feminilidade.

Em determinado episódio, a narrativa de *Capitães da areia* trata as relações homoafetivas como se fossem uma doença, a exemplo da descrição do momento em que Pedro Bala bane a pederastia do grupo. “Por assim dizer, Pedro Bala arrancou a pederastia de entre os Capitães da areia como um médico arranca um apêndice doente do corpo de um homem”. (AMADO, 2000: 102). No episódio em que Almiro descobre que foi infectado pela peste da Bexiga, alguns do grupo reagem chegando a atribuir à sua condição de enfermo o fato de ter relações sexuais, na posição de passivo, com Barandão.

Em outro momento, quando Pedro Bala é preso no reformatório, a narrativa mostra ainda o quanto as relações homoafetivas eram reprimidas nessas instituições, nas primeiras décadas do século XX, tratadas como “coisa feia”. Ao ouvir ruídos de passos caminhando entre as camas durante a noite, o bedel ameaçou deixar todos sem dormir, caso não delatassem o contraventor. Um dos meninos, o delator,

Henrique, entrega os colegas: “Foi Jeremias, que ia pra cama de Berto fazer coisa feia”. (AMADO, 2000: 202).

As normas de gênero só entram em operação porque incorporam ideais de feminilidade e masculinidade, quase sempre vinculados ao referencial heterossexual, defende Butler, em *Queer: género, performatividade y agencia* (2014). Ou seja, a identificação do ser humano biológico-sexual, homem e mulher, macho e fêmea, com a masculinidade e a feminilidade, respectivamente, não é algo que possa ser decidido livremente pelos sujeitos. É, antes de tudo, produto de uma norma construída historicamente e naturalizada. “Por el contrario, esta cita de la norma de género es necesaria para que uno se lo considere como ‘alguién’, para llegar a ser ‘alguién’ viable, ya que la formación del sujeto depende de la operación previa de las normas legitimantes de género”. (BUTLER, 2014: 20).

Essa produção legitimadora do gênero, de acordo com normas elaboradas e consolidadas historicamente, tomando como base a heterossexualidade, cria ideais exagerados de masculinidade e feminilidade, que nunca poderão ser alcançados de forma plena. Segundo Butler (2014), são ideais que as pessoas não escolheram, mas lhe foram impostos como obrigação. Este caráter obrigatório não pressupõe que tais normas de gênero sejam eficazes, pois, na prática, a construção do gênero extrapola em muito o referencial heterossexual. E é justamente essa ineficiência que faz com que os sujeitos, homens e mulheres, sempre sejam alvos constantes de monitoramento, avaliação e julgamento, para que seja verificado se as regras restritivas estão sendo respeitadas. Esse trabalho de fiscalização e correição foi e ainda é realizado por instituições que tomaram em suas mãos o controle e a prerrogativa de tratarem e corrigirem masculinidades ou feminilidades desviantes: família, escola, igreja, medicina. No caso dos meninos, desde a infância, ao serem vislumbradas características de gênero fora dos critérios obrigatórios estabelecidos pela sociedade ocidental heteronormativa, eles são automaticamente submetidos a tratamentos opressivos, repressivos, cruéis, violentos, de negação, de horror, de ojeriza, de nojo.

(...) la homofobia con frecuencia opera atribuyendo a los homosexuales un género perjudicado, fracasado o, de lo contrario, abyecto, esto es, llamando los hombres gay ‘afeminados’ y a las lesbianas ‘marimachos’, y porque el terror homofóbico a realizar actos homosexuales, cuando se da, frecuentemente coincide con un horror a perder el género apropiado (‘ya no ser un verdadero hombre o un hombre de hecho y de derecho’ o ‘dejar de ser una verdadera mujer o una mujer adecuada’), parece fundamental atenerse a un aparato teórico que explique cómo se regula la sexualidad mediante la vigilancia y la humillación del género. (BUTLER, 2014: 29).

Ser um homem “de verdade”, que não admite ter desejos por outros do mesmo sexo, é uma determinação que martiriza as personagens infantis da literatura brasileira abordadas neste artigo. A exemplo de Tiquinho, de *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan. A narrativa começa com as lembranças de Tiquinho, o protagonista, que visita um velho casarão, onde, 25 anos antes, vivera uma tórrida

história de amor com o colega Abel. O pano de fundo do enredo é sempre o conflito de Tiquinho em relação aos preceitos religiosos em oposição ao desejo homoafetivo, que, fortemente, tomava conta dele. Ser homem, masculino e, ao mesmo tempo, ter vontades femininas era algo estritamente proibido e fora das normas de gênero construídas social e culturalmente, com uma decisiva participação da doutrina cristã católica nesta construção. Preceitos estes sempre cheios de mistérios, para os quais Tiquinho estava sempre a procurar explicações. O narrador explora todas as dúvidas do protagonista ao mesmo tempo em que questiona os preceitos religiosos no que diz respeito à homoafetividade.

O caso mais alarmante de mistério era amar o próximo sobre todas as coisas sem ficar apaixonado por ele nem passar o dia inteiro com ele, brincando nos recreios e estudando no salão de estudos e até dormindo na mesma cama, sempre ao lado dele, justamente porque ele era amado o tempo todo e acima de todas as coisas, conforme Jesus tinha dito – “que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (TREVISAN, 1983: 22).

Contudo, o mistério mais doloroso de todos, como explicita o narrador à uma pergunta do narratário imaginário – a narrativa, de forma experimental, é quase que totalmente construída por meio de perguntas e respostas – era amar o próximo com toda a alma e, por causa disso, cometer pecado contra a castidade, “como: pensar no próximo pelado ou pegar na mão do próximo disfarçadamente ou, já enlouquecido de amor, apalpar o pinto do próximo amadíssimo, durante uma projeção de filme (...)”. (TREVISAN, 1983: 23). Aliás, o sexto mandamento do Cristianismo, “Não peçais contra a castidade”, era o que mais atormentava Tiquinho por causa dos fortes desejos homoeróticos que mantinha por Abel.

O regulamento do seminário determinava, acima de tudo, o silêncio, a disciplina e a proibição das chamadas amizades particulares. Esses preceitos, ao lado da vigilância constante, das punições severas por descumprimentos, do controle rígido sobre os corpos compunham a ampla e complexa rede de poderes atuantes sobre os internos, ora partindo da direção, ora dos seminaristas, ora mesmo dos envolvidos em relações homoafetivas, como Tiquinho, que, ao se entregar aos prazeres carnis com Abel, quase chega à loucura por se sentir culpado ante sua devoção religiosa. Um dos conflitos de Tiquinho também dizia respeito à sua posição de passivo na relação e a seus trejeitos mais delicados, o que, dentro do seminário, era motivo para a chacota e o desrespeito. Ser viril e macho dominador de “fêmeas” era uma exigência crucial pelas regras do internato.

Isto pressupõe que, para que os indivíduos do sexo masculino façam juz ao caráter de dominação inerente à masculinidade, seja macho, homem de verdade, ainda crianças eles passam por rituais de iniciação a essa identidade masculina dominadora, desde os primeiros dias de nascidos. Devem se tornar seres viris e destruir qualquer resquício de feminilidade, que pode ter sido adquirida pelo contato estreito com a mãe, irmãs e demais familiares do sexo feminino. Até a adolescência, por exemplo, os meninos formam grupos completamente separados das meninas, o que resulta na ocorrência de jogos sexuais muito comuns durante a infância, como as

trocas de papéis sexuais entre meninos, sendo o papel ativo e dominador sempre o mais valorizado. A virilidade masculina não é inata, ela precisa ser adquirida, por isso a importância dos ritos de iniciação comuns na infância. Desde cedo, a masculinidade do menino é definida em oposição a tudo que é feminino. “O primeiro dever de um homem é: não ser uma mulher” (BADINTER, 1993: 49).

A valorização da virilidade em detrimento de condutas efeminadas também é destacada no conto “Cachorro doido”, incluído em *Jogos infantis* (1986), coletânea de contos de Haroldo Maranhão. O primeiro encontro entre dois garotos, Luizinho e Carlão, já no primeiro dia de aula, é marcado por uma conversa em que fica patente a importância que a imagem de virilidade e masculinidade do macho dominador tinha para a sobrevivência no mundo competitivo e cruel da escola. O conselho que Carlão, menino caracterizado por ser brigão – e, portanto, o estereótipo do masculino nas sociedades ocidentais – dá a Luizinho, o seu oposto – delicado e, portanto, teoricamente submisso – para que adote o nome Luiz ao invés do nome no diminutivo, pois com este último o menino ficaria “marcado”, mostra bem a importância que se dá à virilidade masculina já a partir da infância.

No decorrer da primeira conversa, Carlão havia decidido, o colega não seria mais Luizinho, nem Luiz, mas “Cachorro doido”. “E ‘Cachorro doido’, hein? Puta merda, quem é que não tem medo de cachorro doido? Táí. Tou achando melhor. ‘Cachorro doido’. Tu quer? Se tu quer eu espalho, que daqui a um pouco esquecem essa porra de Luiz e só te chamam de ‘Cachorro doido’” (MARANHÃO, 1986: 17).

A narrativa de Maranhão enfatiza outros aspectos que acabam por mostrar e estimular a reflexão sobre os comportamentos sexuais e de gênero [masculinidade X feminilidade] aceitos e não aceitos já a partir da infância masculina. Por causa dos seus trejeitos delicados, um simples convite a Carlão feito por Luizinho para estudarem juntos em sua casa foi motivo para que o primeiro entendesse que se tratava de um convite com intenções sexuais. “Tá na cara. Vou comer hoje o ‘Cachorro doido’. Só mesmo na minha cabeça que iam acreditar que o mimoso é cachorro doido, que quem nasce para Luizinho morre Luizinho” (MARANHÃO, 1986: 18). Durante o estudo a dois, Carlão assedia sexualmente Luizinho, que acaba cedendo aos seus desejos homoafetivos.

O conflito entre a obrigatoriedade de ser viril e dominador já a partir da infância também pode ser vislumbrado também nas relações de Sérgio (*O Ateneu*) com os colegas do internato e seus “amigos”; nos meninos de rua de *Capitães da areia*, submetidos a uma realidade que os obriga a expressarem, a todo momento, sua virilidade e capacidade de dominação sobre os mais fracos – tanto que a presença da primeira menina no grupo causa um conflito de ordem sexual entre eles –, levando ao banimento dos garotos envolvidos em relações sexuais com outros meninos na posição de passivos. Também vemos o peso da obrigação de ser dominador nos conflitos vividos por José Maria, em *Dona Sinhá e o filho padre*, que sofre rejeição e humilhação por ter trejeitos efeminados.

Segundo Bourdieu (2002), o trabalho de reprodução e consolidação da dominação masculina nas sociedades ocidentais foi garantido durante séculos por três instituições principais – a família, a escola e a igreja. As três, identificadas também nas narrativas que ora analisamos, contribuem diretamente para a perpetuação da divisão dos papéis de gênero e sexuais; para o fortalecimento da

percepção de inferioridade das mulheres; e par a transmissão de geração para geração do modelo patriarcal, refletido, inclusive, na relação adulto/criança.

Até mesmo detalhes comportamentais corriqueiros como demonstrar ternura, carinho ou dor, observa Sócrates Nolasco, em *A desconstrução do masculino* (1995), é quase sempre associada a uma dúvida sobre a orientação sexual dos indivíduos masculinos. “Para um homem, ter os afetos fora das trilhas definidas socialmente para eles é sinal de que a heterossexualidade não vingou” (NOLASCO, 1995: 18).

O cotidiano dos meninos está permeado de observações tais como: “isto é brinquedo de menina”, “menino não chora”, “menino não abraça nem beija outro menino, só os maricas”, “você transou com ela? Não? É muito bobo!”, “você é um medroso, parece mulher”. Enfim, uma gama de afirmações vindas em um primeiro momento da família, posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades, inseguranças e angústias (NOLASCO, 1993: 42).

Em *O mito da masculinidade* (1993), Nolasco destaca ainda que o modelo patriarcal estabelecido nas sociedades ocidentais tem no machismo seu parâmetro diante do mundo. Não é permitido ao homem chorar, ele deve ser sempre o melhor, mais forte, não se envolver afetivamente, nunca voltar atrás em suas decisões. Isto, não raras vezes, acaba descambando na violência como forma extremada e desesperada de enfatizar o poderio do masculino, encurralado por sensações constantes de fracasso.

É necessário atentar para o outro lado dessa naturalização da dominação imposta aos seres do sexo masculino desde a mais tenra idade. A obrigação de dominar, de impor a virilidade, é um peso difícil de carregar, ainda mais em idade infantil. Os homens acabam se tornando prisioneiros de uma representação dominante sociamente construída.

Por tudo isso, a sociedade contemporânea presencia regularmente momentos de crise do masculino. João Silvério Trevisan, em *Seis balas num buraco só: a crise do masculino* (1998), defende que e a violência que vemos todos os dias estampadas no noticiário, geralmente desencadeada por homens, é o maior exemplo dessa crise do macho dominador. De tempos em tempos, os homens sentem em maior grau o fardo pesado de sempre imporem uma masculinidade obrigatória. Isto aconteceu com as primeiras manifestações do feminismo na Europa, ainda no século XVII, quando as mulheres das classes dominantes começaram a ter mais liberdade para se deslocarem e começaram a exigir direitos até então negados, como o direito ao conhecimento e o de recusarem o casamento.

É difícil ser homem numa sociedade patriarcal e falocrática, caracterizada, conforme lembra Trevisan (1998), pelos aspectos negativos da “inflação fálica” junguiana. Ou seja, uma preocupação exagerada com aspectos historicamente relacionados ao pênis e com tudo o que ele representa: a fertilidade, a virilidade, a dominação, a autoridade. Desde a infância, segundo a Psicanálise, o menino preocupa-se em demasia com o pênis, tendo em vista o medo da castração, da qual mãe, ele descobre, teria sido vítima. O órgão genital masculino é a representação

concreta da masculinidade, perdê-lo seria transformar-se em ser passivo, feminino, portanto, inferior. Ao mesmo tempo em que cultua e venera o falo, o homem é também obrigado, por uma construção social de gênero, a rejeitar a atração que sente por ele, pois, culturalmente, isto pode configurar tendências femininas e, mais recentemente, a partir do século XIX, identificadas como condutas homossexuais. A atração sexual pelo falo deve ser um sentimento exclusivo das mulheres e, em caso da ocorrência da inversão constatada pela Psicanálise, do indivíduo que sente desejos sexuais pelo mesmo sexo. O culto ao falo, ainda hoje presente no mundo masculino, consolidou-se como uma configuração arquetípica, pois já representava, na Antiguidade, a fertilidade e o gozo.

Como afirma Trevisan (1998), a inflação fálica pode acabar tornando-se deveras destrutiva. “No mundo atual, muitas coisas têm sido culturalmente distorcidas ‘devido à aparente necessidade de inflar a natureza e as dimensões do masculino’, (...). Aí se inserem a busca insaciável de poder, as competições sem limite, o machismo e a violência desenfreada”. (TREVISAN, 1998: 78).

A forte competição característica do mundo masculino, a busca incessante por poder e dominação sobre aqueles culturalmente construídos como mais frágeis e menos capazes (a mulher, o homossexual, a criança, o louco, o escravo, o negro, a pessoa com deficiência), ou seja, a exacerbação do machismo, derivariam, mais cedo ou mais tarde, em alguma manifestação de violência, assinala Trevisan (1998). Atualmente, as conquistas femininas, aliadas à cada vez maior visibilidade dos indivíduos homossexuais e de outras chamadas minorias sócias, são algumas das transformações culturais, incluindo as sexuais, que pressionam o mito frágil da masculinidade. Segundo Trevisan (1998), o sistema masculino hegemônico considera ameaçador tudo aquilo que é diferente, e parte para o ataque a qualquer sinal de pressão. É um sistema frágil, sobretudo, porque apoia-se no que ele chama de “escoras externas”. Estas, quando faltam, derrubam todo o edifício supostamente firme da masculinidade.

A identificação com a masculinidade dominadora e obrigatória também é perpassada por um conceito inaugurado por Eve Kosofsky Sedgwick, em *Betweenmen: english literature and male homosocial desire* (1985) – o do vínculo homosocial ou homosociabilidade. Tal conceito é importante para que se possa compreender como se apresentam os contextos que favorecem a ocorrência do desejo homoerótico ainda na infância.

‘Homosocial’ é uma palavra usada ocasionalmente na história e nas ciências sociais que descreve os laços sociais entre pessoas do mesmo sexo, é um neologismo, obviamente, formado por analogia com “homossexual”, e assim, obviamente, tem uma significação distinta de “homossexual”. Na verdade, ela é aplicada a atividades que criam “vínculo masculino”, o que pode, em nossa sociedade, ser caracterizado por homofobia intensa, medo e ódio da homossexualidade. Para desenhar o fundo “homosocial” dentro da órbita do “desejo”, do potencial erótico, considera-se a hipótese da indivisibilidade potencial de um continuum entre homosocial e homossexual – continuum cuja

visibilidade, para o homem, em nossa sociedade, é radicalmente interrompida (SEDGWICK, 1985: 01).<sup>6</sup>

Ao mesmo tempo em que os espaços de sociabilidade entre homens devem ser marcados pela competição, pela rivalidade, ou pelo total distanciamento, eles seriam caracterizados por um forte vínculo homoerótico, a exemplo do que ocorre no internato de *O Ateneu* e *Em nome do desejo*, na escola de *Dona Sinhá e o filho padre* e “Cachorro doido”, no trapiche abandonado e nas ruas onde circulam os meninos do bando dos *Capitães da areia*. Reiteramos, portanto, que a literatura configura-se como um importante registro desse estreito vínculo entre o desejo homossexual e os contextos homosociais.

O indivíduo homosocial estaria mais provavelmente sujeito à ocorrência de desejos homoeróticos, que, por sua vez, são fortemente negados e repudiados. Em *Epistemología del armario* (1998), Sedgwick destaca a questão do “pânico homossexual”, engendrado nesse contínuo dos vínculos homosociais masculinos, caracterizados por uma “secularizada e psicologizada” homofobia, que exclui, por sua vez, os indivíduos homoafetivos. Essa exclusão chega ao ponto de que os indivíduos vinculados homosocialmente, para além de se definirem como não homossexuais, definem-se contra a homossexualidade. O desejo homossexual surge como uma ameaça “às relações de caráter obrigatório entre os homens – relações de amizade, tutela, identificação admirativa, subordinação burocrática e rivalidade heterossexual (...)” (SEDGWICK, 1998: 245).

Os vínculos homosociais são forjados desde a infância, como vemos nas narrativas literárias que aqui analisamos. Esses vínculos são, desde cedo, caracterizados por uma forte rejeição ao desejo homoerótico, em especial ao que pressupõe uma passividade na relação, ao mesmo tempo em que as relações engendradas dentro desses grupos favorecem o aparecimento desse mesmo desejo. Podemos constatar bem esse paradoxo nas relações vividas por Sérgio e Tiquinho, em *O Ateneu* e *Em nome do desejo*, cujos sentimentos homoafetivos são, a todo o momento, negados, com vistas às normas do internato. Também em *Capitães da areia*, os meninos do bando estão submetidos a uma regra que os impede de se relacionarem com outros garotos na posição de passivos. Em “Taís”, o personagem sofre constantemente opressão por parte do pai e se auto-hostiliza por causa dos preceitos religiosos que condenariam a efeminação e os desejos homoafetivos.

Trevisan (1998) destaca que os vínculos homosociais são de suma importância para a expressão da masculinidade, pois “(...) um homem precisa de outro homem para integrar a sua masculinidade, o que não significa necessariamente prejudicar seu interesse erótico-sexual pelas mulheres” (TREVISAN, 1998: 107). No

<sup>6</sup> Livre tradução de: “Homosocial is a word occasionally used in history and the social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously formed by analogy with “homosexual”, and just as obviously meant to be distinguished from “homosexual”. In fact, it is applied to such activities as “male bonding”, which may, as in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality. To draw the “homosocial” back into the orbit of “desire”, of the potentially erotic, then, is to hypothesize the potential unbrokenness of a continuum between homosocial and homosexual - continuum whose visibility, for man, in our society, is radically disrupted”.

entanto, ao contrário disso, o que se percebe é que o desejo homoerótico é inerente ao vínculo homosocial e, para ser despertado, “basta que haja condições históricas e culturais mais favoráveis. (...) Em resumo, os homens tentam separar algo que é inseparável” (TREVISAN, 1998: 151).

Para José Carlos Barcellos, em *Literatura e homoerotismo em questão* (2006), a teoria de Sedgwick sobre os vínculos homosociais é considerada fundamental para se entender o contexto do sistema de gênero configurado pela dominação heterossexual e patriarcal nas sociedades ocidentais. O conceito de “armário”, também estudado pela teórica estadunidense, é, por sua vez, importante para que visualizemos a condição de aprisionamento e de silêncio que caracteriza os indivíduos homoafetivos. Escondendo e ao mesmo tempo expondo a condição homoerótica, o “armário” reflete as “complexas configurações entre identidade, subjetividade, verdade, conhecimento e linguagem que atravessam todo o tecido cultural da modernidade e têm profundas ressonâncias na vida social e pessoal” (BARCELLOS, 2006: 61).

Como vimos, uma questão de gênero interfere de forma determinante na construção da identidade homossexual, o que torna ainda mais complicado ser classificado e reconhecido como alguém que sente desejos eróticos por pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, não se trata apenas de ter desejos, mas de como eles são concretizados. Trata-se da divisão dos papéis sexuais numa relação homoafetiva entre ativos e passivos, sendo os segundos completamente desvalorizados em relação aos primeiros, uma vez que exercem o papel supostamente inferior identificado à submissão feminina histórica. Ser homossexual e ainda passivo numa relação afetivo-sexual são desvios inaceitáveis dentro de sociedades patriarcais e falocráticas, como a brasileira.

A homoafetividade é ainda algo que deve ser mantido no mais absoluto segredo. Uma espécie de bifrontismo caracteriza o comportamento de muitos indivíduos. Ou seja, é possível ter desejos homoafetivos e concretizá-los desde que fora do campo de visão da família e da sociedade como um todo. Não por acaso, desde muito pequenos, os meninos são doutrinados para manifestarem sua virilidade e terem a consciência de que o ser masculino é sempre quem deve dominar uma relação afetiva. Não se permitem, portanto, masculinidades desviantes na formação da identidade sexual e de gênero, como mostram os textos analisados neste artigo.

## DEVIANT MASCULINITY AND HOMOAFECTIVE CHILDHOOD IN BRAZILIAN LITERATURE

**Abstract:** Taking the literature as a representation of reality tool, whether to reproduce it or subvert it, whether to strengthen the submission view of homoafective individuals, or to stimulate reflection on this issue, we analyze in this article, Brazilian literary narratives that bring in their plots children's characters involved in homoafective relationships and desires. The objective is to verify, based on studies of male domination - Bourdieu, Badinter, Trevisan, Nolasco, Butler,

Segdwick - as this issue is addressed as opposed to homoaffective desire, what we call deviant masculinity.

**Keywords:** childhood; homoaffectivity; male domination; Brazilian literature.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

AYALA, Walmir. Taís. In: DAMATA, Gasparino (Org.). *Histórias do amor maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina* [e-book]. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: <[http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original\\_BOURDIEU\\_Pierre\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf?1332946646](http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_BOURDIEU_Pierre_A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646). ISBN 85-286-0705-4>. Acesso em: 24 maio 2013.

BUTLER, Judith. *Queer: género, performatividade y agencia*. Salta (Argentina): Libros de la mala semilla, 2014.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

COUTINHO, Fernanda. *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. Tradução de Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina do Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARANHÃO, Haroldo. Cachorro doido. In: \_\_\_\_\_. *Jogos infantis*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *Silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Londrina: EDUEL, 2010.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

\_\_\_\_\_. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemología del armario*. Traducción de Teresa Bladé Costa. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

\_\_\_\_\_. *Between Men: english literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

\_\_\_\_\_. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 14/02/2016 E APROVADO EM 22/02/2016**